

**FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES E TECNOLOGIAS DE
INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO: UMA PROPOSTA DE ACOMPANHAMENTO
DE EGRESSOS DO CURSO DE CIÊNCIAS NATURAIS DA FACULDADE UNB
PLANALTINA¹**

Juliana Eugênia Caixeta
Letícia Fernanda Rodrigues dos Anjos
Paulo de Oliveira do Nascimento
Nattacha Lidiany Fernandes dos Santos
Leonardo dos Santos Freitas
Rosimary Oliveira da Silva
Eliane Mendes Guimarães

1. Apresentação

A Faculdade UnB Planaltina - FUP foi criada em 2006 com o objetivo de atender ao programa de Reestruturação e Expansão Universitária – Reuni que visa democratizar o acesso dos brasileiros ao ensino superior público e de qualidade. Nesse sentido, a FUP teve e tem como missão ofertar cursos de graduação, pós-graduação, extensão e de realizar pesquisas tendo em vista as necessidades regionais e o desenvolvimento sustentável da cidade satélite de Planaltina e das cidades vizinhas.

O curso de Ciências Naturais foi escolhido por atender uma necessidade não só da cidade de Planaltina, mas de todo o Distrito Federal, relacionada à falta de professores de física, química, biologia e, especialmente, de ciências naturais na rede pública de ensino. Isto porque o ensino fundamental requer um professor que tenha uma atuação múltipla e interdisciplinar, que seja capaz de atuar com os fenômenos da natureza de forma integrada, mediando o conhecimento não apenas sobre como os fenômenos da natureza acontecem e podem ser explicados, mas também como tais fenômenos impactam a vida social das pessoas (SOUZA, RODRIGUES & KIOURANIS, 2006). Para isso, a grade curricular do curso prevê um conjunto de disciplinas que se distribuem em seis áreas do conhecimento: biologia, geologia, física, química, educação e matemática (FUP/ PROJETO POLITITCO PEDAGÓGICO DO CURSO DE CIÊNCIAS NATURAIS, 2010).

Nesse contexto, uma grande preocupação dos gestores e professores se refere à qualidade do curso que estamos oferecendo aos alunos e à necessidade de formação continuada dos professores egressos da FUP, especialmente, no que tange ao uso de recursos tecnológicos, haja vista a ausência de uma disciplina específica que trate o assunto tecnologias de informação e comunicação – TICs no curso. Para atender essa preocupação, em 2010, o Laboratório de Apoio e Pesquisa em Ensino de Ciências – LAPEC,

¹ Este trabalho recebeu apoio do Instituto Bancorbrás de Responsabilidade Social e do Decanato de Desenvolvimento Social da Universidade de Brasília.

da FUP, criou, sob coordenação da professora Juliana Caixeta, um grupo de pesquisa na área de Tecnologias de Informação e Comunicação para a promoção do ensino de ciências. A formação do grupo está fundamentada na certeza de que as tecnologias de informação e comunicação podem contribuir para a promoção de um ensino de ciências mais interessante para os alunos e professores, porque oferecem recursos que ampliam a visualização e experimentação dos fenômenos naturais e, mais importante que isso, promovem maior interação entre professores-alunos, alunos-alunos e alunos-professores-redes sociais diversas, alunos-objetos do conhecimento e alunos-alunos-professores-objetos de conhecimento- rede web (Ponte, 2000).

O objetivo deste artigo, então, é apresentar uma proposta de acompanhamento de egressos do curso de Ciências Naturais da Faculdade UnB Planaltina, tendo as Tecnologias de Informação e Comunicação – TICs como objeto de estudo de formação continuada e, também, como um dos recursos pedagógicos viáveis para tal formação, a partir do ambiente virtual de aprendizagem nomeado Aprender, da Universidade de Brasília.

2. Fundamentação Teórica

2.1. As Tecnologias de Informação e Comunicação – TICs e a atuação e formação de professores

As novas Tecnologias da Informação e Comunicação – TIC podem ser compreendidas como recursos pedagógicos que possibilitam mediações construídas por diferentes linguagens e instrumentos no contexto de sala de aula. Nas palavras de Ponte, Oliveira e Varandas (2003, WEB), as TICs “permitem que o professor dê maior atenção ao desenvolvimento de capacidades de ordem superior, valorizando as possibilidades de realização, na sala de aula, de atividades e projetos de exploração, investigação e modelação”. Santaella (1997), ao discutir a emergência das TIC, defende que elas se tornaram, gradativamente, extensoras do físico humano, dos sentidos e, mais recentemente, da cognição, principalmente, por terem oportunizado a formação de redes sociais mais amplas, aumentando as possibilidades de interação e, portanto, de trocas sociais e aprendizagens.

Nesse contexto da inovação, as Tecnologias de Informação e Comunicação - TICs são ferramentas mediacionais que modificam as dinâmicas de construção de conhecimento e resolução de problemas, por transporem para a sala de aula linguagens múltiplas, que exigem o domínio de diferentes ferramentas instrumentais e simbólicas por professores e alunos. No entanto, tais recursos só ganham funcionalidade se atrelados a um contexto educacional mais amplo, ligado ao serviço educacional, ou seja, à proposta educacional dos professores e da escola. Em outras palavras, ao definir as TICs como recursos, deixamos claro que as possibilidades que elas abrem no espaço pedagógico só farão sentido se elas tiverem sido intencionalmente apropriadas pelos professores no processo de planejamento educacional. Os professores são os principais atores na mobilização das TICs para a promoção do processo ensino-aprendizagem junto com os alunos, numa perspectiva ideológica. Nas palavras de Freire (2009/1996):

Meu papel fundamental, ao falar com clareza sobre o objeto, é incitar o aluno a fim de que ele, com os materiais que ofereço, produza a compreensão do objeto em lugar de recebê-la, na íntegra, de mim. (...) Ensinar e aprender têm que ver com o esforço metodicamente crítico do professor de desvelar a compreensão de algo e com o empenho igualmente crítico do aluno de ir entrando como sujeito em aprendizagem, no processo de desvelamento que o professor ou professora deve deflagrar. (p.118-119).

Dessa forma, o que defendemos em nosso grupo é o uso contextualizado das TICs para a promoção do processo de ensino-aprendizagem, nesse caso, de conteúdos de ciências. Em outras palavras, o maior objetivo das TICs no processo de ensino-aprendizagem se relaciona à oportunização de mediações pedagógicas a partir de múltiplas linguagens, que concretizem diferentes posicionamentos dos alunos e professores, na construção, no nosso caso específico, do conhecimento de ciências naturais.

Para nós, o processo de mediação educacional contemporâneo precisa se basear no conceito de letramento multifuncional. Por letramento multifuncional entendemos a oportunidade de mediar o conhecimento não só pela fala e a escrita, mas também, por uso de recursos digitais, como: vídeos, imagens, e-books, blogs, câmeras digitais, jogos digitais e interativos, repositórios de aprendizagem, laboratórios digitais, entre outros. Nesse sentido, as TICs são ferramentas mediacionais, de caráter social, que só ganham sentido se utilizadas por professores e alunos com o objetivo de construir significados múltiplos sobre o que se quer aprender e ensinar, reconhecendo que nesse processo ambos, alunos e professores, estão ensinando e aprendendo, é o que Ponte (2000) chama de co-aprendizagem:

As TIC proporcionam uma nova relação dos actores educativos com o saber, um novo tipo de interacção do professor com os alunos, uma nova forma de integração do professor na organização escolar e na comunidade profissional. (...) Este deslocamento da ênfase essencial da actividade educativa – da transmissão de saberes para a (co) aprendizagem permanente – é uma das conseqüências fundamentais da nova ordem social potenciada pelas TIC e constitui uma revolução educativa de grande alcance. (p.9)

Acreditamos, portanto, que, ao organizar as disciplinas de ciências a partir de mediações multifuncionais, os professores atuam na geração de novas zonas de desenvolvimento proximal para si e para os alunos (VYGOTSKY, 1999), ou seja, espaços de aprendizagem que fomentam formas diferenciadas de agir em sala de aula, de compreender as relações entre desenvolvimento humano e os processos de ensino-aprendizagem nas concretizações das interações em cada contexto de sala de aula, levando professores e alunos a construir condições dialógicas propícias à aprendizagem do conhecimento científico e à conquista crescente e contínua da autonomia.

Considerando especificamente o ensino de ciências, acreditamos que a formação de professores para o uso das TICs em sala de aula representa a construção de um espaço especial de possibilidades de mediação, especialmente porque os conteúdos das disciplinas de ciências naturais apresentam grande nível de abstração e complexidade e as TICs possibilitam concretizar em sala de aula experiências como a visão do corpo humano em 3D, ou ainda, o uso do áudio associado à imagem, para citar algumas possibilidades ligadas à apresentação do conteúdo específico (ANJOS E OLIVEIRA, 2010). O uso das TICs, juntamente com a reformulação do currículo, a interdisciplinaridade e a formação continuada de professores são soluções construídas pelo governo para a melhoria da qualidade do ensino de ciências no Brasil (Referencial Curricular para o Ensino de Ciências de 5ª a 8ª série, 2004), que, neste momento histórico, amarga a penúltima colocação no ranking de países com melhor ensino de ciências do mundo, pelo Programa Internacional de Avaliação - PISA (2006).

Neste contexto, os egressos do curso de Ciências Naturais da FUP são personagens essenciais para avaliarem se o curso que estamos provendo a eles e construindo junto com eles tem atendido as demandas contemporâneas do ensino de ciências brasileiro, no âmbito geral, e na comunidade de Planaltina e região, no âmbito específico, e, também, porque com um acompanhamento tão próximo à formatura deles (a turma formada mais velha tem um ano de formada) pode possibilitar a construção de um vínculo contínuo com o espaço de formação, reflexão e construção da identidade profissional em que deve se constituir a universidade.

2.2. Acompanhamento de egressos: o que é e sua importância

No mundo globalizado, a capacidade constante de adaptação é uma necessidade para se manter incluído nos diversos espaços sociais. Nesse contexto, as instituições educacionais ganham especial atenção pela sua responsabilidade em atuar, vislumbrando essa necessidade de formação continuada (MEIRA & KURCGANT, 2009). Esta idéia se ancora na certeza de que as instituições educacionais precisam ser dinâmicas, capazes de rever e atualizar seus currículos de acordo com as necessidades e mudanças ocorridas na sociedade, de forma a tornar o processo de ensino-aprendizagem compatível às necessidades dos alunos no seu dia-a-dia.

Nesse contexto, a Lei de Diretrizes e Base da Educação – LDB (1996) estabeleceu a avaliação institucional como prioridade do Ministério da Educação e Cultura, sendo uma forma de avaliação institucional o acompanhamento de egressos que se fundamenta na percepção dos mesmos sobre o curso concluído. A partir do contato com estes, as instituições conseguiriam adequar de forma mais efetiva o currículo às necessidades do profissional, tendo uma maior integração entre teoria e prática, mostrando desta forma o importante papel social da universidade (MEIRA & KURCGANT, 2009).

As políticas de acompanhamento de egressos foram institucionalizadas recentemente no Brasil. A partir de 2004, a Lei nº 10.861 passou a estabelecer o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior, conhecida por Lei do SINAES. A nova lei

trouxe importantes desafios de auto-regulação das Instituições de Ensino Superior - IES, incluindo o acompanhamento dos egressos. Em outras palavras, a partir de 2004, esperase que todas IES desenvolvam políticas e programas internos de acompanhamento de egressos. Com isso, o Ministério da Educação desejava que as instituições de ensino superior se comprometessem não só com a formação do aluno durante a graduação, mas também com sua formação após a graduação, especialmente, na identificação e operacionalização de formação continuada que atendesse as necessidades colocadas pelo mercado de trabalho, independente da área de atuação do curso:

O currículo de um curso deve ser construído não apenas atendendo às exigências do órgão central, mas vinculado à realidade social na qual está inserido. Deve atender o nível geral do esperado para a formação de profissionais de uma mesma área e também as especificidades do entorno. Assim, em um nível macro, o modelo de formação do profissional deve ser pensado de forma integrada ao contexto mais amplo da sociedade brasileira e em um nível micro deve atender a realidades mais específicas, que são as ênfases diferenciadas de cada curso e cada IES (BRITO, 2008, web).

Para que possamos avançar em nossa discussão sobre o acompanhamento de egressos, é preciso definir egresso e o que entendemos por acompanhamento dessas pessoas.

Segundo Pena (2000), no âmbito educacional parece haver uma divergência quanto à definição de egresso. Alguns autores usam o termo para referir-se exclusivamente aos alunos formados; enquanto outros usam esse vocábulo para denominar todos os indivíduos que saíram do sistema escolar de formas distintas, incluindo os que evadiram o curso. Para nós, egresso significa aluno “que efetivamente, concluiu os estudos regulares, estágios e está apto ou já recebeu o diploma” (Sistema de Acompanhamento de Egressos – SIEG apud PENA, 2000, p.5). Adotaremos o mesmo conceito do Ministério de Educação, quando exige, na lei do SINAES (2004), o acompanhamento desses profissionais.

Por acompanhamento de egressos entendemos o conjunto de políticas e programas que a IES desenvolve para monitorar a necessidade de formação continuada de seus alunos formados e, também, a aproximação da IES ao mercado de trabalho que pretende atender com a formação daqueles profissionais. Assim, o acompanhamento de egressos, por um lado, sinaliza as necessidades de formação identificadas pelos ex-alunos, mas também, as necessidades de mudança e/ou atualização do projeto político pedagógico do curso a partir da relação com o mercado de trabalho. Considerar a opinião de ex-alunos permite perceber omissões e equívocos que estejam sendo cometidos na formação, no nosso caso, no nível da graduação. Este acompanhamento, se feito desde a imediata saída do aluno-profissional até a sua inserção e manutenção no mercado de trabalho, pode ter duas funções: 1- apoiar o aluno recém-formado na difícil tarefa de conseguir o primeiro emprego como graduado e 2- manter forte vínculo com a atividade profissional para a qual estamos trabalhando para a formação do alunado.

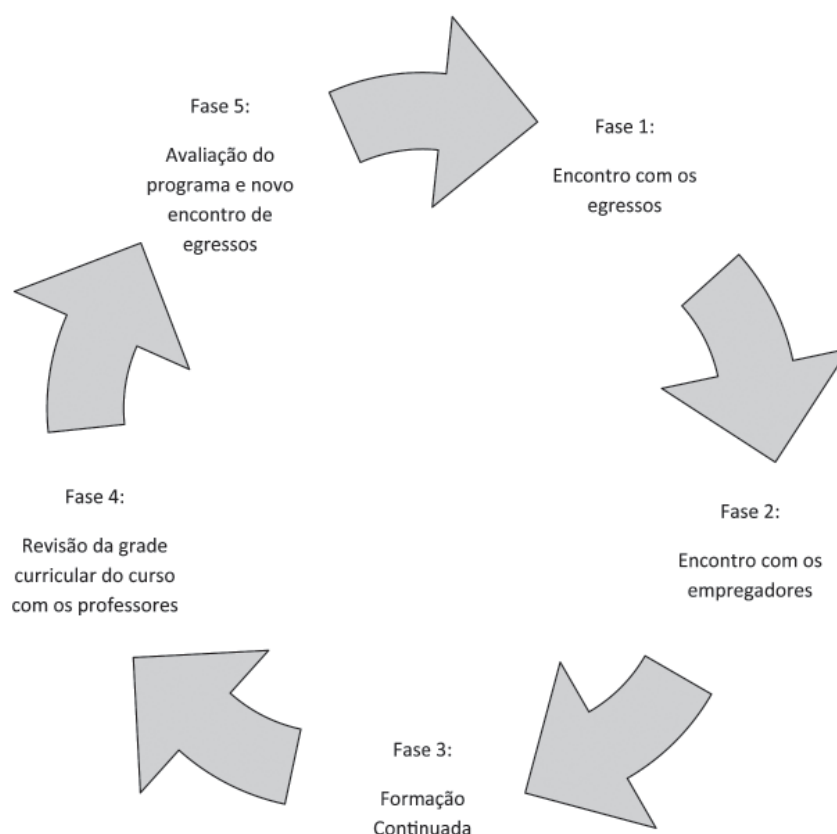
3. Acompanhamento de egressos: a proposta da Faculdade UnB Planaltina para o curso de Ciências Naturais

A política de acompanhamento de egressos da Faculdade UnB Planaltina para o Curso de Licenciatura em Ciências Naturais tem como foco: a) a formação continuada de professores para o ensino de ciências e b) o uso das TICs como mediadora do processo de formação continuada e como recursos pedagógicos para auxiliar os novos professores de ciências em suas práticas de ensino. Com isso, nossa proposta é que o profissional egresso de nossa instituição possa contar: a) com seus ex-professores como mentores, ou seja, como orientadores de suas ações pedagógicas, sempre que precisarem; b) habitue-se a programas de formação continuada; c) aproprie-se de novas tecnologias de informação e comunicação como mediadoras de seu processo de ensino-aprendizagem; d) utilize os espaços virtuais de aprendizagem como espaços de formação de si e como espaços de enriquecimento de sua prática profissional nas escolas de ensino fundamental e médio e e) possam colaborar para a formação dos futuros professores de nossa universidade.

Para além do cumprimento de leis, nossa instituição e proposta se interessam pela potencialização das habilidades profissionais de nossos ex-alunos, agora, colegas professores, que atuam nas diferentes escolas, ampliando as possibilidades de suas identificações como professores de ciências.

Para a implantação do Programa de Acompanhamento de Egressos, estabelecemos 4 fases, a partir das quais, o programa vai se complexificando até sua concretização plena, o que não significa acabada, afinal, a idéia é construir um programa que permita mudanças e adaptações de diferentes naturezas, ao longo da sua implementação e estabelecimento.

Um programa completo de acompanhamento de egressos, a nosso ver, precisa investir como já colocamos antes: na captação de informações sobre o curso por parte dos alunos, e seus empregadores; em programas de formação continuada e na formulação periódica da grade curricular do curso. Por isso, precisa ser implementado em fases, que são:



Fase 1 – realização do I Encontro de Egressos de Ciências Naturais da Faculdade UnB Planaltina. Esta fase tem por objetivo começar a mobilização dos ex-alunos e conhecer melhor quais são suas percepções do curso, agora que o finalizaram, seus interesses de formação continuada e suas idéias de acompanhamento para o futuro;

Fase 2 – realização de encontros ou entrevistas com os empregadores dos alunos para obtenção de informações sobre o que necessitam os professores formados em Ciências Naturais e se os nossos egressos apresentam o perfil aliado a essas necessidades;

Fase 3 - implementação de programas de formação continuada para os egressos;

Fase 4 - revisão da grade curricular do curso com os professores;

Fase 5 – avaliação do programa de acompanhamento de egressos e deflagração de ciclo permanente de acompanhamento.

Dessa forma, nosso modelo de acompanhamento de egressos pode ser esquematizado da seguinte forma, havendo a possibilidade de mudanças no ciclo e de interação, como, por exemplo: após a coleta de informações de empregadores e alunos egressos haver a necessidade imediata de formação e de mudança de grade do curso.

Neste início de implantação do programa de Acompanhamento de Egressos, nosso grupo de pesquisa, composto por duas professoras da FUP e seis alunos de graduação bolsistas do projeto, além do apoio do psicólogo escolar da instituição, está na fase 1, ou seja desenvolvendo o levantamento de informações sobre os egressos e realizando o I Encontro de Egressos de Ciências Naturais da FUP.

3.1. Implementação da Fase 1

Até o primeiro semestre de 2010, tivemos duas turmas formadas com um total de 28 egressos. Esses alunos foram convidados a participar do I Encontro de Egressos do Curso de Ciências Naturais (CN), que aconteceu durante a X Semana de Extensão da Universidade de Brasília, em novembro de 2010.

O I Encontro de Egressos de CN aconteceu em dois dias, com a participação de 6 egressos no primeiro dia e 9 egressos no segundo. Para contatá-los, nosso grupo conseguiu a lista de nomes, telefones e e-mails dos 28 formandos das duas turmas e realizamos convites por meio de e-mail, cartas e telefonemas. Usamos as três estratégias para todos os 28 egressos.

No primeiro dia, houve um mini-curso intitulado “O uso das Tecnologias de Informação e Comunicação em sala de aula” e, no segundo, um grupo focal, onde os alunos tiveram oportunidade de conversar sobre o curso e sobre suas atuais necessidades. Nesse mesmo encontro, foi realizado um convite para que, num segundo momento, respondessem a um questionário virtual de levantamento de informações sobre eles.

Os resultados do I Encontro de Egressos de CN evidenciaram que a maioria dos egressos estão empregados na área educacional ou estão procurando emprego na área ou estão continuando sua formação superior: 44,4 % dos egressos já trabalham na área educacional como monitores, professores ou secretários escolares; 33,3% estão procurando emprego na área educacional ou mantêm trabalhos de curta temporada como professores de cursinho pré-vestibular; 11,1% faz mestrado na própria UnB e 11,2% está fazendo outro curso de graduação na UnB e trabalha no serviço público distrital.

Além de comentarem sobre suas formações, os alunos foram unânimes ao relatarem que o ponto positivo do curso e da faculdade é a relação que os professores mantêm com os alunos em suas aulas e fora delas e como ponto negativo, o pouco conhecimento do curso pela sociedade em geral, fato que se reflete na ausência de concursos públicos com a exigência de formação em Ciências Naturais.

Como pontos positivos do curso de CN, os alunos apontaram, ainda: a interdisciplinaridade inerente do curso; o foco no ensino de ciências; a oportunidade de se discutir a grade curricular do curso com os professores, por serem as primeiras turmas a se formarem e a forte formação em projetos educacionais. Como pontos negativos, os alunos apontaram: mais disciplinas que discutam o corpo humano, maior divulgação do curso para que diminua o preconceito com os colegas da Física, Química e Biologia.

A seguir, apresentamos algumas falas:

“Ver o mundo de forma integrada e dar aula desse jeito. Mais contextualizado”
(Aluna A- segunda turma de egressos)

“A ciência é ensinada de forma fragmentada e o curso tirou isso” (Aluna D – primeira turma de egressos)

“Os professores aqui se fazem presentes na vida do aluno” (Aluno D – primeira turma de egressos)

“A faculdade é mais divulgada que o curso. Falta concurso público. Os editais não incluem Ciências Naturais.” (Aluno D – segunda turma de egressos)

Para que as falas fossem gravadas, solicitamos a todos os presentes que assinassem um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em Participação de Pesquisa e, também, uma lista de frequência, para a confecção de certificados.

Após a assinatura dos documentos acima referidos, procedemos o convite para que os alunos participassem da aplicação virtual do questionário para acompanhamento de egressos. O objetivo do questionário é aprofundar as informações construídas com os alunos egressos no I Encontro de Egressos de CN e para delinear os com mais clareza nossa intervenção. O questionário foi construído pelo recurso formulário do Google docs. O questionário será enviado pelos alunos por e-mail e se organiza em torno de oito eixos de perguntas:

- dados sócio-demográficos: idade, sexo, por exemplo;
- a relação entre atividades profissionais e atividades acadêmicas durante a graduação, exemplo: quando iniciou seu curso você trabalhava? Se trabalhava, era na mesma área do curso que escolheu?;
- descrição da atividade profissional contemporânea, exemplo: está empregado? Se sim, sua atividade se relaciona ao curso de sua formação?;
- a relação entre o curso concluído e sua atividade profissional atual, exemplo: o curso de Ciências Naturais da Faculdade UnB Planaltina foi fundamental para a conquista do seu atual emprego? Por quê?;
- descrição das impressões que teve sobre o curso de graduação, exemplo: O curso em que se formou possibilitou quais mudanças na sua vida?;

- interesses em formações futuras, exemplo: tem interesse em fazer outros cursos na UnB e na FUP? Tem interesse em fazer uma pós-graduação?
- interesse em programa de acompanhamento de egresso, exemplo: Você tem interesse em se capacitar continuamente na FUP? Como pensa que isso seria possível? Queremos desenvolver na FUP um conjunto de ações de acompanhamentos de egressos. O que acha disso? Como poderíamos operacionalizar esse acompanhamento? O que acha de um acompanhamento de egressos feito na modalidade semi-presencial: via moodle (Plataforma Aprender UnB) e em alguns encontros presenciais? Que temáticas você acha que poderíamos discutir nesses acompanhamentos? Por quanto tempo gostaria de ser acompanhado como aluno egresso da FUP? Que vantagens você percebe no acompanhamento de professores recém-formados?;
- e, por fim, interesse em temáticas ligadas à tecnologia de informação e comunicação, exemplo: você tem usado tecnologias de informação e comunicação na sua sala de aula? Se sim, que tipo de recursos tem utilizado? Como tem utilizado esses recursos? Na instituição para a qual trabalha, o uso das tecnologias de informação e comunicação é incentivado? Você tem interesse em se capacitar mais no uso das tecnologias de informação e comunicação para mediar o ensino de ciências? Que tipo de tecnologias você gostaria de aprender?
- Dessa maneira, ao final do ano de 2010, pretendemos ter concluído a fase 1 do nosso programa, com informações ricas sobre quem são nossos egressos e como ele pensa a sua relação futura e/ou atual com a universidade que o/a ajudou a se tornar professor.

4. Considerações Finais

O I Encontro de Egressos foi avaliado como uma positiva reaproximação dos ex-alunos do curso de CN à faculdade, especialmente daqueles que não estavam fazendo cursos de graduação ou pós-graduação na UnB. Os alunos mostraram-se interessados em desenvolver conosco um conjunto de atividades ligadas à formação continuada deles enquanto atuais e/ou futuros professores. Comentaram que têm interesse em responder o questionário que o grupo de pesquisa está elaborando e em divulgar o encontro para os colegas ausentes.

Dada a receptividade dos alunos egressos, acreditamos que o curso de CN da FUP conseguirá sistematizar a proposta aqui apresentada, tendo em vista o interesse dos alunos pelas TICs, pela instituição e pelo curso. Por outro lado, acreditamos que a participação

dos alunos no I Encontro de Egressos de CN evidenciou a motivação deles em colaborar para a melhoria do curso, já que ao mesmo tempo em que apontavam as dificuldades dele, apresentavam sugestões de resolução, como: usar a internet para divulgar o curso, aprimorando o portal da FUP e agregando-o com mais visibilidade ao portal da UnB, uso de redes sociais etc; encontros com políticos, especialmente, com o Secretário/a de Educação do Distrito Federal, para apresentar a proposta do curso e gerar demanda para editais específicos para professores de ciências naturais, entre outras sugestões.

Acreditamos que a participação dos 10 diferentes alunos no I Encontro de Egressos de CN poderá potencializar a participação de outros egressos, haja vista que os próprios participantes do encontro comentaram que irão compartilhar com os colegas sobre a experiência vivida. Dessa forma, acreditamos que novas ações contarão com a presença de mais egressos, fato que já conseguimos visualizar com o aumento de 50% da participação do primeiro para o segundo dia.

Com esta proposta, ainda que em construção, esperamos identificar falhas em nosso projeto de curso para aprimorá-lo continuamente, potencializar os indicadores construídos pelos egressos como positivos do curso, como a relação professor-aluno, o projeto integrado e o foco na docência e construir informações úteis sobre possibilidades de formação de professores, a partir, inclusive, do uso das novas tecnologias. Por outro lado, esperamos ainda, melhorar a formação inicial e continuada de professores de ciências e, de forma complementar, melhorar o ensino de ciências na região de Planaltina, aproximando os professores em sala de aula da universidade e das recentes pesquisas em ensino de ciências, de forma a fomentar inovações nas metodologias e práticas de sala de aula.

REFERÊNCIAS

ANJOS, L.F. R. dos & OLIVEIRA, M.E.P. de. A percepção de professores sobre o uso das tecnologias de informação e de comunicação (TICs) no processo de ensino. Texto não publicado. Universidade de Brasília, Faculdade UnB Planaltina, Planaltina, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: Congresso Nacional, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei 10.861. Lei do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior - SINAES. Brasília, DF: Congresso Nacional, 2004.

BRITO, Márcia Regina F. de. O SINAES e o ENADE: da concepção à implantação. Avaliação[on-line], vol.13, nº.3, 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-40772008000300014&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 07 Nov. 2010.

FACULDADE UNB PLANALTINA. Projeto Político Pedagógico do Curso de Ciências Naturais, Universidade de Brasília, Planaltina, 2010.

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 2009. Texto original publicado em 1996.

MEIRA, M. D.D; KURCGANT, P. Avaliação de Curso de Graduação segundo egressos. *Revista Esc. Enferm [on-line]*, vol. 43, nº2, p. 481-485, 2009.

PENA, M.D.C. Acompanhamento de egressos: análise conceitual e sua aplicação no âmbito educacional brasileiro, 2000. Disponível em: <http://www.senept.cefetm/g.br/galerias/Arquivos_senept/anais/terca_tema2/TerxaTema2Artigo3.pdf>. Acesso em 27/08/2010.

PISA, Programa Internacional de Avaliação de Alunos, 2006. Texto disponível em: <http://educacao.qprocura.com.br/2009/08/programa-internacional-de-avaliacao-comparada-pisa/> . Acessado em 04/09/2010.

PONTE, J.P. Tecnologias de informação e comunicação na formação de professores: que desafios? *Revista Ibero-Americana [on-line]*, nº 24, 2000.

PONTE, J.P.; OLIVEIRA, H.; VARANDAS, J.M. O contributo das tecnologias de informação e comunicação para o desenvolvimento do conhecimento e da identidade profissional. In: FIORENTINI, D. (Org.). *Formação de professores de Matemática: explorando novos caminhos com outros olhares*. Campinas: Mercado das Letras, 2003. p.159-192.

SANTAELLA, L. O homem e as máquinas. Em: D. Domingues (ed.), *A arte no século XXI: A humanização das tecnologias*, pp. 37-59, São Paulo, UNESP, 1997.

SOUZA, G. B.; RODRIGUES, M. A.; KIOURANIS, N. M. M.; O campo de atuação do professor com formação em Licenciatura Plena no Paraná. *Acta Sci. Human Soc.Sci [on-line]*, vol. 28, nº. 2, p. 209 – 218, 2006.

VYGOTSKY, L.S. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Pena, 1999.